

## INTRODUÇÃO

A integração/inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) no sistema regular de ensino, ao nível do 1º ciclo do ensino básico, é hoje um dado adquirido.

O docente do 1º ciclo, seja titular de turma ou professor de apoio, deve ter noção do seu papel de interveniente no desenvolvimento dos alunos, de acordo com as suas capacidades e a sua diversidade. Toda a escola deve estar desperta para a diferença, promovendo constantemente uma nova mentalidade e atitude, com o objectivo de proporcionar uma resposta global e contextual, que responda às características de cada indivíduo.

Neste sentido, é importante questionar quais as representações destes docentes face ao seu desempenho e às dificuldades sentidas na prática no trabalho com alunos portadores de Necessidades Educativas Especiais (NEE).

As actuais directrizes em matéria de legislação educacional enfatizam o desenvolvimento integral do indivíduo, aceitando e valorizando o direito à diferença. Assim, a integração assume um papel importante e provoca alterações no plano educacional, tendentes a promover a igualdade de oportunidades para todos e implementando modelos de cooperação no ensino.

A Lei de Bases do Sistema Educativo defende o direito à diferença. A Declaração de Salamanca defende a democratização plena na área da educação, o que supõe a inclusão de todos os alunos no ensino regular, o qual deverá possuir meios eficazes de combater manifestações discriminatórias, fundando comunidades abertas e

solidárias, fomentando uma sociedade inclusiva e proporcionando a educação para toda e qualquer criança ou jovem.

Sabemos que a escola, ao tentar gerir as contradições resultantes da ideologia igualitária da “escola inclusiva”, manifesta por vezes algum mal-estar face à permanência no seu seio de crianças com dificuldades em termos de desenvolvimento e de aprendizagem.

Muitos docentes do ensino regular, definem o seu trabalho na escola e na sala de aula como uma actividade onde a heterogeneidade de alunos e o direito a todos à educação são duas realidades incontestáveis, e por isso, procuram preparar-se para esta situação de mudança, frequentando formações específicas, lendo e/ou trocando impressões com colegas que já passaram por situações semelhantes, agora que têm alunos com diferentes culturas, diferentes ritmos e capacidades de aprendizagem.

Uma escola, onde a diversidade de capacidades, conhecimentos, ritmos de aprendizagem, motivações e cultura dos alunos, deve ser encarada como uma situação natural e desejável, não deixa também de ser um desafio à criatividade, à investigação e às capacidades dos docentes.

O modelo de apoio educativo definido pela legislação em vigor, no âmbito da escola inclusiva, propõe aos docentes (de apoio e titular de turma) uma atitude de cooperação e partilha em sala de aula.

Como sabemos, os docentes que concorrem anualmente para os apoios educativos são, na sua maioria, recém formados ou mesmo professores já com vínculo ao estado, pertencendo a Quadros de Escolas ou também ao QZP, que por estarem colocados fora da sua área de residência não pretendem ficar longe de casa e aceitam temporariamente este serviço.

Todos os professores (titulares de turma e de apoio) têm formação profissional, para o nível de ensino onde vão trabalhar e pretendem, porventura, que o seu ano de trabalho não se desenvolva num clima desagradável.

Para nós, o interesse por esta questão é grande. O facto de dois docentes trabalharem, na mesma sala, durante algum tempo semanal, implica que as representações criadas por ambos tenham respostas convergentes. Se tudo isto não se verificar, poderão advir implicações negativas directas, na relação de trabalho entre os dois e com consequência no sucesso de todos os alunos da turma e mais especificamente nas crianças/jovens com NEE.

Estudos realizados no domínio da educação, segundo Dusek e Joseph (1995), apontam para resultados que nos permitem afirmar que as expectativas dos professores, se baseiam sobre dados reais, tais como os resultados anteriores, o comportamento na sala de aula, a personalidade, a formação, a idade, a experiência, a classe social, e até mesmo a raça do docente de apoio (Dusek e Joseph cit. Fontain, 1995).

Na opinião de Purkey (1984), existe por parte dos professores do ensino regular uma certa incapacidade ou insegurança sentidas relativamente ao desenvolvimento de estratégias de ensino/aprendizagem, condicionando o êxito dos alunos. Certamente que estas dificuldades também são sentidas pelos docentes dos apoios educativos, o que nos conduz ao problema do nosso estudo.

Assim definimos o problema do nosso estudo da seguinte forma:

- **De que modo a Formação Contínua poderá contribuir para uma melhor eficácia do processo educativo promovendo o desenvolvimento pessoal e**

---

## **profissional dos docentes titulares de turma e dos docentes de Apoio Educativo, colocados na Educação Especial?**

De acordo com esta problemática, os objectivos que se colocam a este estudo são saber:

- Como se situam e lidam os docentes de Primeiro Ciclo face à integração dos alunos com NEE;
- Quais as dificuldades que encontram na sua prática pedagógica;
- Que lacunas sentem na sua formação;
- Quais as expectativas que têm em relação à formação contínua.

Em termos estruturais este trabalho é constituído por duas partes: Enquadramento Teórico e Estudo Empírico

A primeira parte, no âmbito da qual é feita a revisão da literatura que fundamenta este estudo, é constituída por sete capítulos: **Formação de Professores; Formação Inicial; Formação Contínua; Formação Especializada; Principais Referências da Educação Especial.**

A componente empírica deste trabalho, encontra-se inserida na segunda parte, sendo composta por três capítulos: **Metodologia da Investigação; Apresentação e Análise dos Resultados; Estudo Psicométrico da Escala.**

Por último apresentaremos as conclusões finais, que se iniciam com uma retrospectiva dos aspectos mais importantes desta investigação.